

## PORQUÊ TRUMP?<sup>3</sup>

### 1. Abordagem Errada

Sexistas, machistas, racistas, xenófobos, brutos, primários, deploráveis, foram alguns dos qualificativos usados pela elite bem pensante (a que um Gramsci actual atribuiria a nova “hegemonia cultural”) para caracterizar os eleitores que votaram Trump. Descontando o facto de, para essa elite, qualquer presidente Republicano ser indigno do lugar (releiam-se as barbaridades sobre Reagan, por exemplo), a análise baseada naqueles qualificativos, além de pedante, é errada e, como tal, politicamente inútil e até contraproducente. Desde logo, porque implicaria que metade dos eleitores americanos fossem trogloditas e que os muitos votantes de Obama que agora votaram Trump teriam sido tornados trogloditas pelo seu consulado. Nenhuma das implicações é obviamente razoável.

Trogloditas — fiquemo-nos por este agregador — há e sempre houve, sem que tenham impedido a eleição de Obama ou de Bill Clinton, por duas vezes, ou a de muitos outros ‘dignos do lugar’. E não há nada que indique que tenham aumentado o peso na sociedade, pelo que não foram certamente o factor de desequilíbrio que ditou o resultado da eleição.

Nas democracias estabilizadas, a maior parte dos eleitores tende a estabilizar as suas preferências políticas, pelo que os grandes

<sup>3</sup> Publicado no jornal *Público* em 16 de Novembro de 2016.

blocos partidários contam com um eleitorado fiel, que lhes assegura a maior parte dos votos. O que determina o resultado das eleições é o desequilíbrio gerado por movimentos marginais de três tipos de eleitores especiais: os *swing*ers — que oscilam na preferência entre um lado e outro —, os ‘desiludidos’ — que, desapontados com o candidato ou com as propostas do seu partido, resolvem abster-se — e os ‘ocasionais’ — que normalmente se abstêm, mas são convencidos a votar pela retórica ou pelas propostas de um lado da contenda.

É, pois, nestes movimentos marginais, e nas suas motivações, que têm de ser procuradas as causas do resultado. Porque é que muitos *swing*ers passaram de Obama para Trump? Que “ocasionais” terá Trump conseguido mobilizar e porquê? O que terá feito muitos Democratas ficar ‘desiludidos’? São estas as questões relevantes. Tanto mais que a análise sugerida pelas sondagens à boca das urnas contradiz o que os *clichés* do pensamento dominante sugeriam.

## 2. *Clichés* Derrotados

Assim, aquelas sondagens indicam que o candidato republicano encurtou (por comparação com Romney em 2012) a margem desfavorável nos eleitorados latino-americano (8 pontos percentuais), afro-americano (7), asiático (11), mais jovem, dos 18 aos 24 anos (6), de rendimento abaixo dos 50 mil dólares (12) e entre os não casados (10); e que os segmentos em que mais alargou a margem favorável foi entre os eleitores sem grau académico, mas com frequência universitária ou grau médio (10), entre os 45 e os 54 anos (5), e masculino (5).

Por sua vez, Hillary Clinton só alargou significativamente a margem favorável (face à de Obama em 2012) no eleitorado com graus académicos (8) e encurtou as diferenças desfavoráveis entre os eleitores de maior rendimento (9), mais idosos (4) e casados (4). Significativamente, entre o eleitorado feminino, só conseguiu alargar a margem favorável em 1 ponto percentual. Mais: as son-

dagens sugerem que até a infidelidade eleitoral (Democratas a votar Republicano, e vice-versa) terá evoluído a favor de Trump.

Note-se, porém, que o aumento ou a redução daquelas margens eleitorais não permite inferir se advêm de um ganho de votos pelo candidato ganhador ou de uma queda de votação no lado perdedor. Mas podemos procurar pistas nos totais de votos. O total de votantes reduziu-se 4,3%, mas Trump perdeu 8,4% dos votos, face aos do seu correligionário em 2012, enquanto Hillary terá estabilizado a votação Democrata.

Só uma análise estado a estado permitirá inferir da importância de cada uma das três categorias de eleitores para o desequilíbrio que deu a vitória a Trump. Mas, com os dados agregados, é razoável inferir duas coisas: i) que houve um número considerável de ‘desiludidos’ Republicanos, mas que não foram suficientes para derrotar o candidato; ii) que Clinton não conseguiu transformar esses ‘desiludidos’ em *swinglers* a seu favor (ou, pelo menos, não em número suficiente para compensar os ‘desiludidos’ do seu lado). Sendo assim, parece mais adequado dizer que Clinton perdeu a eleição do que dizer que Trump a ganhou.

Porque falhou, então, a candidatura Democrata? Não tenho pretensões de ter a resposta, nem informação suficiente para o efeito. Mas podemos explorar pistas.

Para começar, convém recordar que Trump começou por derrotar o *establishment* republicano, eliminando nas primárias, contra todas as expectativas e apostas, os candidatos mais conformes à linha do partido. Essa primeira e inesperada vitória posicionou-o como *outsider* com forte apoio popular, o que deveria ter levado a investigar melhor a origem dessa força, em lugar da negação e do, tão maciço quanto inútil, exercício de exorcismo mediático que lhe foi dedicado praticamente até ao fim da campanha.

### 3. A Realidade Social

Conviria começar por perceber, por exemplo, que a composição racial da sociedade é muito mais desequilibrada do que o

sugerido por muitos filmes e séries hollywoodescos. E que a população branca não é toda classe média para cima e os outros classe média para baixo. A população branca não hispânica (designação estatística) é largamente maioritária (61,6%), embora tenha perdido quase 10 pontos percentuais nos últimos 20 anos; a população negra (designação das estatísticas oficiais) é largamente minoritária (12,4%) e tem-se mantido estável; os hispânicos também são minoritários (17,6%), embora superem os afro-americanos, e ganharam quase 6 pontos desde 1995.

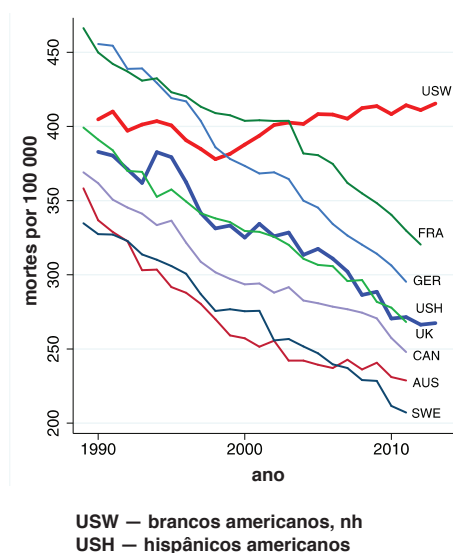
Embora os afro-americanos e os hispânicos tenham maior percentagem de pobres (24% e 21%, respectivamente, para uma média de 13,5%), o peso desproporcionado da população branca faz com que 41,2% dos americanos abaixo do limiar de pobreza sejam brancos não hispânicos (nh).

Em termos evolutivos, o rendimento mediano das famílias americanas, sobretudo entre brancos e negros (hispânicos são exceção), decresceu acentuadamente desde 2007, assim como decresceram os salários reais, sobretudo dos trabalhadores menos qualificados. E a percentagem de pessoas abaixo do limiar de pobreza aumentou 2 pontos percentuais desde 2000, incluindo também a população branca.

Depois, um estudo do final de 2015, do qual o Nobel Angus Deaton foi co-autor, contém este gráfico sobre a evolução, em vários países, das taxas de mortalidade na população entre os 45 e os 54 anos, a meia-idade da célebre crise existencial.<sup>4</sup>

O surpreendente neste gráfico é a linha que corresponde aos brancos americanos nh (a linha dos afro-americanos, embora omissa no gráfico, também é descendente, mas com valores absolutos mais elevados) e que, antes do virar do século entrou em acentuada contramão com as tendências do mundo desenvolvido. Sendo que as principais causas de morte são, destacadamente, abuso de álcool e drogas e suicídios, ou seja, sinais depressivos e de enorme frustração.

4 Case, A., and A. Deaton. 2015. "Rising morbidity and mortality in midlife among white non-Hispanic Americans in the 21st century." *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 112 (49): 15078-15083.



No New Hampshire — estado onde 91% da população é branca —, por exemplo, o abuso de drogas, que 25% dos adultos citaram como o principal problema do estado (com 21% a indicar o emprego), foi o tema dominante na campanha das primárias. Problema que se tem generalizado em muitas áreas do miolo rural da América. O que estará, pois, a deixar os brancos americanos de meia-idade — um segmento equivalente a  $\frac{3}{4}$  de toda a população negra — frustrados a ponto de entrarem na via da autodestruição?

Estas constatações não desvalorizam os problemas sociais das minorias étnicas, mas revelam uma outra ‘minoría’, descurada, escondida dentro da maioria.

#### 4. Algumas Explicações

Fukuyama, num artigo publicado no Verão passado, na *Foreign Affairs*, referia: “Nos anos 1980, havia uma discussão geral sobre a emergência de uma subclasse afro-americana — i.e., uma massa de pessoas subempregadas e de baixas qualificações